
O ENSINO DAS PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UMA PROPOSTA BASEADA NA METODOLOGIA CRÍTICO-SUPERADORA

THE TEACHING OF ADVENTURE BODY PRACTICES IN SCHOOL PHYSICAL EDUCATION: A PROPOSAL BASED ON CRITICAL-OVERCOMING METHODOLOGY

Gleison Gomes de Morais¹
Humberto Luís de Deus Inácio²

Resumo

Este texto trata do ensino das Práticas Corporais de Aventura nas aulas de Educação Física, desenvolvido à luz da metodologia crítico-superadora, com o objetivo de apresentar uma sequência didático-pedagógica deste conteúdo a partir dos tipos de deslocamentos: *deslizamento, andar/correr, rolamento e queda*. Originou-se de uma Pesquisa-Ação e utilizou para a experimentação aulas formais de Educação Física em uma turma de 6º. ano, e para coleta de dados: questionários, diários de campo e registros iconográficos. A pesquisa revelou possibilidades significativas de ensino destas práticas, em especial como uma opção para introduzir este conteúdo na Educação Física escolar, tal qual indicado na Base Nacional Comum Curricular, com grande aceitação pela turma. Como limites listamos a escassez de materiais disponíveis e a falta deste conteúdo na formação inicial em Educação Física.

Palavras-chave: Palavra; Escola; Conteúdos da Educação Física; Ensino das aventuras; Metodologia de ensino.

Abstract

This text is a study on the teaching of Adventure Bodily Practices in Physical Education classes, developed in the light of the critical-overcoming methodology with the objective to present a didactic-pedagogical sequence of this content based on the types of displacements: sliding, walking/running, rolling, and falling. It was an Action-Research that used Physical Education classes for experimentation; and for data collection: questionnaires, field diaries and iconographic records. The investigation revealed possibilities for teaching these practices: for the diversification of bodily practices offered as an option to introduce this content in physical education at school. As limits we list the scarcity of materials and the lack of this content in the initial formation in Physical Education.

¹Professor da Rede Municipal de Educação de Goiânia/GO. Mestre em Educação Física / FEFD/UFG (2019).

² Professor Associado da Faculdade de Educação Física e Dança da Universidade Federal de Goiás.

Keywords: Word; School; Physical Education; Adventure bodily practices; Teaching Methodology.

Introdução

Desde a publicação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) pelo Ministério da Educação (BRASIL, 2018), as Práticas Corporais de Aventura (PCAs) passaram a fazer parte, oficialmente, dos conteúdos a serem ministrados nas aulas de Educação Física (EF) nas redes de ensino, públicas ou privadas, do país.

A BNCC determina os conteúdos e objetivos da Educação Fundamental, e nela aparece o conteúdo das 'Práticas Corporais de Aventura' (PCAs), sendo indicado para a EF desde o 6º. ano até o fim do Ensino Médio; segundo o documento, "[...] na unidade temática **Práticas corporais de aventura**, exploram-se expressões e formas de experimentação corporal centradas nas perícias e proezas provocadas pelas situações de imprevisibilidade que se apresentam quando o praticante interage com um ambiente desafiador [...]. Assim como as demais práticas, elas são objeto também de diferentes classificações, conforme o critério que se utilize. Neste documento, optou-se por diferenciá-las com base no ambiente de que necessitam para ser realizadas: na natureza e urbanas. As práticas de aventura na natureza se caracterizam por explorar as incertezas que o ambiente físico cria para o praticante na geração da vertigem e do risco controlado, como em corrida orientada, corrida de aventura, corridas de mountain bike, rapel, tirolesa, arborismo etc. Já as práticas de aventura urbanas exploram a "paisagem de cimento" para produzir essas condições (vertigem e risco controlado) durante a prática de parkour, skate, patins, bike etc". (BRASIL, 2017, p.218).

Sobre a diferenciação entre 'na natureza' e 'urbanas', de acordo com o ambiente onde são realizadas, isto é apenas uma referência, não uma regra; afinal, como indicado no documento, uma corrida de orientação ou de aventura pode ser desenvolvida no meio urbano ou na natureza.

De qualquer forma, a BNCC nos ajuda a refletir sobre as possibilidades das PCAs no ambiente escolar e em seu entorno. Cada escola tem seu próprio desenho, seu pátio, seus edifícios, seus espaços abertos e/ou fechados; e também seu entorno específico: algumas estão em pleno centro das cidades, cercadas de cimento, outras mais periféricas estão ao lado de praças, parques, terrenos baldios; escolas em áreas

rurais, com entorno natural privilegiado, mas sem a opção do ambiente artificial urbano. Ou seja, o planejamento de inserção das PCAs na EF será tanto um resultado dos interesses (de professores/as e alunos/as), quanto das condições ambientais – às quais acrescentamos as condições físico-estruturais.

Por outro lado, frisamos que há uma expansão significativa dos estudos nesta temática (DARIDO & TAHARA, 2016; FRANÇA, 2016; INÁCIO et al., 2016; BOCCHINI & MALDONADO, 2014; PEREIRA, 2013; DARIDO, 2012; PEREIRA & ARMBRUST, 2010; ARMBRUST & LAURO, 2010), desde antes da BNCC, mas ainda insuficiente para atribuir a este conteúdo o valor pedagógico que aqui reforçamos, o que agiganta a necessidade de produzir conhecimento específico para esta dinâmica.

Classificação das PCAs: uma proposta com base em seus elementos constituintes

A classificação sistematizada das PCAs mais (re)conhecida é a de Betrán & Betrán (1995), bastante ampla, abordando aspectos variados, como as emoções que se sente, se são em grupo ou individuais, com ou sem colaboração, pelo ambiente onde se realizam (água, terra ou ar), entre outros. Parece-nos que todas as classificações seguintes seguiram a proposta destes autores, com algumas modificações e/ou adaptações. Estes mesmos autores elaboraram em 2016 uma revisão de seu quadro com as classificações.

Em Franco, Cavasini e Darido (2014), encontramos uma proposta que apresenta as PCAs pelo meio onde são realizadas: Terra, Água ou Ar, sendo isto um elemento chave na classificação.

Em outro eixo, estes mesmos autores apresentam uma descrição de várias PCAs com elementos que se repetem: deslocamento, desafios, habilidades corporais³, rodas, deslizamento, entre outros, levando-nos a refletir que há elementos constituintes das PCAs, os quais podem servir a algum tipo de classificação.

Contudo, algumas classificações nos confundem: seria assim ou de outro jeito? O Slackline, por exemplo, sequer aparece na classificação de Betrán e Betrán de 1995, mas na revisão desta classificação que desenvolveram em 2016 sim, e é apresentado como uma prática de ‘Terra’; no entanto, é desenvolvido sobre uma fita

³ Neste texto usamos a expressão ‘habilidades corporais’, mas no estudo original, este elemento foi denominado como ‘correr, andar’.

esticada acima do solo, em alguns casos a muitos metros de altura, quando fixado entre montanhas ou edifícios. Então, não seria uma prática de 'Ar'? Talvez seja necessário criar uma categoria de modalidades mistas, quando o ambiente não está exatamente definido.

Inácio (2021, s.p.) apresenta uma outra forma de organizar as PCAs, em especial para seu uso no âmbito escolar. Para o autor,

O primeiro passo é 'esquecer' as práticas tal e qual são conhecidas: rapel, tirolesa, rafting, slackline etc., e olhar para as modalidades por seus elementos comuns, como também o faz a Pedagogia do Esporte (GONZÁLEZ e BRACHT, 2012) ao agrupar as modalidades em esportes com Relações de colaboração, Relações de oposição, Esportes dentro do conjunto SEM interação entre adversários, Esportes dentro do conjunto COM interação entre adversários, de rede, de marca, esportes de invasão, de campo e taco, de combate, sem citarem nominalmente cada modalidade esportiva.

Ou seja, Inácio (2021) está propondo definir alguns elementos comuns presentes nas PCAs para - então, a partir disto, organizar tal conteúdo na Educação Física escolar. Nesta direção, propõe como elementos comuns:

- Nas PCAs o/a praticante sempre se move de um ponto a outro, ou seja, há um "Deslocamento";

- Tal deslocamento tem um "Sentido": vertical, horizontal, diagonal, misto;

- Tal deslocamento se dá andando, ou deslizando, ou sobre rodas, saltando, caindo etc., o que Inácio chama então de "Forma do deslocamento"; ainda no contexto deste elemento comum, o autor aponta "subelementos constituintes das PCAs; são elas o 'deslizamento', as 'habilidades corporais', o 'rolamento', a 'queda livre' e o 'balanço' (INÁCIO., 2021)

- Para que tal deslocamento ocorra se faz necessário um "Impulso", o qual pode ser gerado pela força da gravidade, e/ou do vento, e/ou da força humana, e ou por 'empurrões' – de uma onda do mar, de um deslocamento de areia ou neve, da correnteza de um rio; O autor chama à atenção para uma provável sobreposição destes impulsos em uma mesma PCA;

- Agrega-se a estes elementos o "Risco Controlado", o que significa dizer que o/a praticante fez o que devia ser feito em termos de planejamento, organização, orientação, uso adequado de materiais e equipamentos, concorrendo para aproximar de zero o risco de acidentes na prática;

- Finalmente, Inácio aponta a “Aventura” como elemento indispensável para compreender e organizar as PCAs;/ aventura entendida como o enfrentamento dos riscos (controlados), e que gera emoções e sentimentos de diversas ordens: medo, euforia, ansiedade, alegria etc. (INÁCIO, 2014).

Ensinando as PCAs

A proposta de classificação das PCAs de Inácio (2021), quando ainda estava em fase de elaboração, foi experimentada numa pesquisa que tinha como objetivo o ensino das PCAs desde uma perspectiva crítica de EF, mais notadamente, com base na Metodologia Crítico-Superadora (COLETIVO DE AUTORES, 1992)⁴. Não vamos nos debruçar aqui sobre a metodologia Crítico-Superadora (MCS), apontando que ela já está amplamente divulgada nos meios escolar e acadêmico. Todavia, importa ressaltar que comungamos com o Coletivo de Autores quando nos diz:

Todo educador deve ter definido o seu projeto político-pedagógico. Essa definição orienta a sua prática no nível da sala de aula: a relação que estabelece com os seus alunos, o conteúdo que seleciona para ensinar e como o trata científica e metodologicamente, bem como os valores e a lógica que desenvolve nos alunos. (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 27).

Assim, inserir as PCAs como um conteúdo ainda novo na/da EF escolar, não deve ser apenas um reflexo burocrático que atenda à BNCC, mas fruto de um planejamento comprometido socialmente.

Talvez por seu caráter de ineditismo e pelo conhecimento derivado apenas no senso comum, reproduzido pelas grandes mídias, as PCAs encontram obstáculos para seu desenvolvimento na escola. Sobre isto, a MCS indica que os conteúdos da EF escolar devam atender a princípios de relevância social, de acesso aos elementos da Cultura Corporal, de transitoriedade; nesta direção, comungamos com Cauper (2018) quando argumenta em favor da inserção destas práticas na EF escolar:

⁴ Esta possibilidade vinha sendo experimentada por nós, de forma sistematizada, já há alguns anos e, mais recentemente, com um estágio pós-doutoral na *Universidad de Granada*, Espanha (2018), e na pesquisa de mestrado de Gleison Gomes de Moraes, desenvolvida no âmbito do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física (PROEF), polo UFG.

Em se tratando de um fenômeno social, produzido e modificado historicamente pela humanidade para atender a necessidades diversas, sejam elas de sobrevivência, fruição ou elitização, apresentamos aqui as práticas corporais de aventura como um conteúdo potencialmente rico a ser desenvolvido na escola em todas as etapas da educação básica. Trata-se de uma manifestação da cultura corporal, um conhecimento clássico pertencente ao gênero humano, que tem sido apropriado e usufruído de forma privada por uma pequena parcela da população. (CAUPER, 2018, p. 88).

Ou seja, esta autora entende que as PCAs já constituem importante elemento na Cultura Corporal, presentes no imaginário social, com significativos reflexos econômicos e sociais, além de serem espaços diferenciados de experimentações e sensações corpóreas para a EFE.

O desenvolvimento desta proposta, para além de um processo de ensino-aprendizagem, se deu também como uma dinâmica investigativa. Neste sentido, nos aproximamos dos pressupostos da Pesquisa-ação (PA) como fundamento e seguimos as indicações da MCS de que todo processo educativo é/deva ser também investigativo.

Encaminhamento metodológico

Este estudo, sendo fruto de uma pesquisa desenvolvida no âmbito de um programa profissional de pós-graduação - voltado a docentes do ensino básico, foi realizada com elementos da Pesquisa-Ação (PA) ao mesmo tempo em que aconteciam as aulas formais de EF da turma baseadas na MCS. Isto significa que houve uma sistematização destas duas dinâmicas para que pudessem se dar no mesmo espaço/tempo, o que não foi difícil de realizar posto que os pressupostos da PA e os da MCS se aproximam em diversos aspectos, e destacamos a busca da autonomia dos sujeitos como o mais significativo.

Para a PA seguimos a organização proposta por Thiollent (2009, p.51), da seguinte forma: fase exploratória, formulação do problema, construção de hipóteses, realização do seminário, seleção da amostra, coleta de dados, análise e interpretação dos dados; elaboração do plano de ação e divulgação dos resultados.

Seguindo os trâmites legais para pesquisa com seres humanos, o estudo foi aprovado no Comitê de Ética da Universidade Federal de Goiás (UFG), com o número de autorização CAAE 10398019.3.0000.5083, e houve autorização de

pais/responsáveis por meio do TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, como também houve o aceite dos/as próprios/as alunos/as, por meio do TALE – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido.

O objetivo geral foi desenvolver uma sequência didático pedagógica de ensino das Práticas Corporais de Aventura, a partir da MCS com alunos do 6º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública.

O princípio da Intencionalidade, presente na PA, se deu na seleção da escola e da turma, sustentada não apenas na facilidade de acesso – temporal e espacial, mas também porque esta escola é reconhecida como um campo privilegiado, conectada com a universidade há anos por meio de estágios curriculares de cursos de Licenciatura e com um corpo docente sempre disponível a experimentações de metodologias críticas de ensino.

O primeiro passo foi a realização de um seminário com a turma, desde o qual foram definidos quais os tipos de deslocamentos seriam objeto das aulas e foi diagnosticado o entendimento preliminar da turma sobre as PCAs⁵.

Resultados e Discussão

As aulas

Esta proposta foi materializada na forma de uma sequência didático-pedagógica - ou Unidade de Ensino, e foi organizada em 6 eixos temáticos: 1. Conhecendo as PCAs; 2. Conhecendo as PCAs quanto ao tipo de deslocamento: *Deslizamento*; 3. Conhecendo as PCAs quanto ao tipo de deslocamento: *Andar/Correr*; 4. Conhecendo as PCAs quanto ao tipo de deslocamento: *Rolamento*; 5. Conhecendo as PCAs quanto ao tipo de deslocamento: *Queda*, e 6. Construindo o carrinho de rolimã.

1ª aula: apresentamos o conteúdo do 2º trimestre; destacamos o papel dos alunos na pesquisa e iniciamos a aula buscando um significado para ‘aventura’ (Figura 1). Foram organizados grupos de alunos que receberam imagens impressas; nelas havia situações do cotidiano (ouvir música, falar ao celular, dormir, conversar etc.) e

⁵ Importa destacar que apresentamos este item de maneira narrativa, a fim de não o constituir como uma proposta determinante ou definitiva, o que afrontaria absolutamente nossa proposta de um estudo crítico.

situações que envolviam riscos (skate, *snowboard*, surfe, salto de paraquedas etc.), e pedimos que separassem imagens relacionadas com a aventura. A partir disto, debatemos o significado da palavra aventura e, ao final da aula, solicitamos que fizessem seus registros em uma ficha conceitual.

Figura 1: Aula sobre o conceito de aventura: Discutindo com a turma o conceito de aventura



Fonte: os autores.

Aula 2: Teve como objetivo conceituar as PCAs e identificar suas categorias constituintes. Nos dirigimos para uma área arborizada da escola estabelecendo uma relação com o ambiente fora da sala de aula (Figura 2). Utilizamos as mesmas imagens da 1ª aula e perguntas como: Quais são os elementos da natureza? Quais são os tipos de deslocamentos e sentidos que percebemos a partir das imagens? Solicitamos que os alunos separassem as figuras nos ambientes que elas aconteciam (terra, água e ar), fixando-as em uma cartolina. A partir disso debatemos novamente o conceito de PCA. Ao final, entregamos uma ficha de catalogação, a ser preenchida e utilizada como estratégia de avaliação e sistematização.

Figura 2: Aula sobre o ambiente, os tipos e os sentidos de deslocamento das PCAs: construindo junto com a turma a compreensão sobre elementos constituintes das PCAs



Fonte: os autores

Aula 3: Apresentação de vídeos extraídos da plataforma digital Youtube® com o objetivo de aprofundar os conceitos já discutidos (Figura 3). Perguntamos: em que ambiente a PCA está acontecendo? Qual tipo de deslocamento? Qual sentido de deslocamento? Qual o nome desta PCA? Ao final, como avaliação, disponibilizamos uma ficha de desenho para que ilustrassem uma PCA realizada em terra, em água e outra no ar com seus respectivos nomes.

Figura 3: Apresentação de vídeos sobre as PCAs: Apresentando vídeos com diversas PCAs distintas, tanto em relação ao ambiente, quanto aos tipos e sentidos dos deslocamentos



Fonte: os autores

As aulas 4, 5 e 6 trataram do tipo de deslocamento ‘deslizamento’.

Aula 4: Apresentamos o tema ‘deslizamento’ e dialogamos sobre ele. Os alunos sugeriram atividades que poderiam ser de deslizamento. Desde aí, organizamos uma atividade de deslizamento com garrafas pets; foi realizada no pátio da escola com ‘patins’⁶ construídos com garrafas pets e corda/barbante (Figura 4). O material foi organizado previamente pelo professor e pelos alunos. Problematizamos as movimentações possíveis com aquele equipamento e com quais PCAs já conhecidas aquela atividade se parecia. Após, iniciamos a experimentação dos patins (Figura 5) pelo pátio da escola, na quadra de cimento e na grama.

⁶ Chamamos este equipamento de ‘patins’ por sua aproximação com os patins para uso no gelo, nos quais o movimento é de deslizamento, diferentemente dos patins com rodas. Para sua confecção utilizamos duas garrafas pets de 2 litros e uma cordinha de 2 metros. Furamos as tampas das garrafas com um pequeno buraco e passamos a ponta da corda por dentro delas. Demos um nó em uma das pontas para que ela não saísse e fizemos o mesmo com a outra tampa. Por fim tampamos as garrafas e estava pronto o nosso equipamento.

Figura 4: Patins de garrafas pets: Construção de equipamento para deslizamento em ambiente rígido, como a quadra e/ou gramado, por nós chamado de Patins



Fonte: os autores

Figura 5: Experimentação dos patins de garrafas pets: após a construção do equipamento, a turma experimenta diversas formas de utilizá-lo



Fonte: os autores

Aula 5: Por sugestão da turma, foram realizadas no pátio da escola atividades com papelão, tapetes e cobertores. Os alunos fizeram suas experimentações (Figura 6), deslizando em duplas, trios, sentados, em pé e sendo puxados ou empurrados.

Figura 6: Deslizamento com cobertas e papelões: a turma experimenta outras formas e equipamentos/materiais de deslizamentos



Fonte: os autores

Aula 6: A aula 6 consistiu em experimentar novamente o deslizamento com patins de garrafas pet, mas, desta vez, em uma superfície molhada (Figura 7). O deslizamento sobre superfície molhada foi bem mais fácil e motivador.

Figura 7: Deslizamento sobre a grama molhada: a turma experimenta os patins sobre superfície molhada/bem escorregadia



Fonte: os autores

As aulas de 7 a 9 foram para introduzir o tipo de deslocamento ‘Habilidades humanas’, com destaque para o correr e andar.

Aulas 7 e 8: Neste dia, o tempo de aula foi dobrado a partir de acordo com outro docente. Realizamos uma conversa sobre o surgimento, a evolução e os benefícios do slackline e suas variações como o *trickline*, *highline* e o *waterline*. Em seguida, numa área arborizada demonstramos a montagem do slackline e conversamos sobre a importância das árvores e do meio ambiente para a prática desta modalidade. Em seguida, os estudantes praticaram livremente a caminhada sobre o slackline, com ou sem a ajuda de seus colegas (Figura 8).

Aula 9: Instalamos equipamentos com as variações ‘mais esticado’, ‘mais frouxo’, ‘longo’ e ‘curto’. No equipamento mais longo amarramos uma corda acima para os alunos pudessem se segurar enquanto se deslocavam. Por fim, demonstramos a desmontagem do equipamento e concluímos com uma conversa avaliativa.

Figura 8: Slackline: primeiras vivências



Fonte: os autores

Aula 10: - a primeira após o retorno das férias de julho; realizamos o segundo seminário da PA, com uma avaliação sobre o que já aprendemos sobre as PCAs. ‘Como organizar as atividades que ainda faltam para realizar e que foram pensadas no primeiro seminário?’ foi o eixo desta aula.

Nas aulas 11, 12 e 13 apresentamos e experimentamos as PCAs quanto ao tipo de deslocamento rolamento.

Aula 11: Usamos os patins com rodas como possibilidade de prática de aventura de rolamento (Figura 9). A aula foi desenvolvida por seis alunas que se dispuseram a partilhar suas experiências e conhecimentos com a turma. Deram dicas de equilíbrio e de movimentação inicial, demonstrando algumas formas de se deslocar. Nesta aula, contamos com oito pares de patins e todos os alunos puderam experimentá-los.

Figura 9: Aulas com patins de rodas: Com patins trazidos pela própria turma, experimentam seu uso.



Fonte: os autores

Nas aulas 12 e 13 continuamos a experiência com patins e iniciamos outras práticas de rolamento: o skate, a bicicleta e o patinete. Nestas aulas, com a colaboração de quem possuía algum equipamento, contamos com 9 patins, 4 skates, 2 bicicletas e 1 patinete.

Aula 12: Iniciamos em sala, conhecendo as partes que compõem um skate. Em seguida, já na quadra, um aluno deu dicas de deslocamento com o mesmo. Logo, apresentamos o patinete, assim como a bicicleta. Os alunos praticaram diferentes formas de deslocamento com estes equipamentos na quadra da escola (Figura 10).

Ao final desta aula 12, comunicamos aos alunos que não teríamos tempo para realizar todas as PCAs definidas no seminário. Após breve debate, decidimos organizar duas atividades: uma de queda como tipo de deslocamento e a construção e experimentação do carrinho de rolimã.

Figura 10: Práticas de rolamento: alunas e alunos praticam diversas possibilidades de PCAs de rolamento



Fonte: os autores

A aula 13 iniciou com uma discussão sobre o tipo de deslocamento queda – planejando a Aula 14; definimos que seria uma atividade em que os alunos pudessem saltar de uma altura e cair em queda sobre alguns colchonetes. Após esta deliberação, finalizamos as PCAs de tipo de deslocamento rolamento com a prática do rolamento (skate, patins, patinete e bicicleta). Ao final, realizamos avaliação processual e a turma destacou o conteúdo como altamente positivo, interessante, atraente.

Aula 14: tipo de deslocamento queda; o objetivo era de saltarem – como quisessem, de cima de uma mesa para cair sobre os colchonetes (Figura 11). Para esta aula, a organizamos um rodízio: enquanto um grupo estava nesta atividade, os outros dois experimentariam outras possibilidades de queda num espaço com tatames (Figura 12). Ao final conversamos com os alunos sobre a experiência da queda.

Figura 11: Queda Livre: a turma experimenta a sensação de 'cair', usando colchões para suavizar a queda



Fonte: os autores

Figura 12: Continua a queda livre: a turma prova outras maneiras de cair



Fonte: os autores

A aula 15 foi uma pesquisa de informações para construir um carrinho de rolimã. (Figura 13). Destacamos a importância do planejamento para a tarefa, com o levantamento de materiais e ferramentas necessários. Disponibilizamos para os alunos uma ficha de planejamento para anotarem os materiais, ferramentas e os passos para construção do carrinho. Ao final da aula, solicitamos que os alunos trouxessem na próxima aula – de acordo com suas possibilidades, materiais para confecção.

Figura 13: Pesquisa sobre carrinho de rolimã: na sala de computadores, a turma acessa a internet e pesquisa sobre a construção e o uso de carrinhos de rolimã.



Fonte: os autores

As aulas 16 e 17 aconteceram no pátio coberto e foram realizadas em um único dia, para que tivéssemos tempo hábil para confecção dos carrinhos. Com a colaboração de um professor que nos ajudou nos serviços de marcenaria e disponibilizando suas ferramentas, (Figura 14), foram construídos dois carrinhos de rolimã. Os cortes no material foram realizados previamente, evitando o uso de máquinas elétricas durante a aula.

Figura 14: Montando o carrinho de rolimã: orientações gerais sobre a montagem do carrinho de rolimã



Fonte: os autores

Os alunos foram divididos em dois grupos para montagem dos carrinhos. Após orientações gerais os alunos lixaram, mediram, pregaram e parafusaram as peças (Figura 15). Ao final da aula ainda houve tempo para provar os equipamentos.

Figura 15: Ainda montando o carrinho de rolimã: etapas da montagem dos carrinhos de rolimã



Fonte: os autores

Aula 18: realizada na quadra da escola com o objetivo de experimentar o deslocamento e manobras com o carrinho de rolimã. Usamos os dois carrinhos confeccionados pelos alunos e mais um emprestado pela Universidade Federal de Goiás. Orientamos sobre os cuidados no tráfego e pedimos que fizessem manobras mais arriscadas conforme se sentissem confortáveis para isto (Figura 16). Todos participaram e ao final da aula fizemos uma avaliação geral do conteúdo e encerramos a sequência didático-pedagógica das práticas corporais de aventura na escola.

Figura 16: Experimentando formas de deslocamento e manobras: após montar os carrinhos, a turma os experimenta de diversas formas, tanto no deslocamento quanto em manobras.



Fonte: os autores

Considerações finais

Entendemos que a pesquisa aqui relatada atingiu seus objetivos, especialmente no desenvolvimento de um trimestre escolar com o conteúdo PCAs. Ressaltamos agora os resultados e reflexos destas aulas, tendo nossos objetivos específicos como pontos de partida.

- Realizar diagnóstico sociocultural dos alunos com ênfase em seu saber sobre as Práticas Corporais de Aventuras;
- Definir com os alunos os conteúdos possíveis para as aulas;
- Planejar estratégias para o desenvolvimento de uma unidade didática a partir dos princípios da pesquisa-ação, e
- Avaliar a apropriação do conteúdo e identificar o interesse e a disposição da turma em relação às PCAs.

A eleição da PA para o desenvolvimento do estudo se baseou na intencionalidade em imprimir nos alunos uma ampliação de suas capacidades - como sujeitos que se inserem na história. Ao propor espaços de discussões e decisões nas aulas, percebemos uma crescente participação coletiva na resolução dos problemas que nos cercavam. A internalização destes princípios, como medida de democratização e participação das camadas mais desfavorecidas da sociedade, também deve prevalecer fora dos muros da escola, como fruto de sua subjetividade política e transformadora da realidade.

Como parte da pesquisa-ação, e antes do 1º seminário, realizamos um diagnóstico, por meio de um formulário, para identificar os saberes pregressos da turma sobre o conteúdo abordado. Foi observado que a maioria dos alunos e alunas já conhecia sinteticamente as PCAs, desde uma perspectiva do senso comum, ou seja, de compreender estas práticas apenas como esportes de aventura ou radicais; além disso, percebemos algumas confusões em respostas do tipo “são as acrobacias”, “é a ginástica”, indicando uma compreensão difusa e interpenetrada por outras cenas do cotidiano.

Durante o 1º. Seminário foram definidas as PCAs, em seus tipos de deslocamento, que seriam conteúdo das aulas. Este processo mostrou-se rico e participativo, apesar de certo silêncio de um ou outro aluno, o que é considerado normal, nos princípios da PA, numa dinâmica inicial de construção da autonomia.

A definição das PCAs nos possibilitou, então, planejar a sistematização e o desenvolvimento das aulas, ressaltando que, apesar de tal sistematização e planejamento, houve um momento em que se fez necessária uma alteração – como já relatado mais acima, entre as aulas 12 e 13, para que todo conteúdo previsto inicialmente pudesse ser experimentado.

Assim como um ou outro aluno foi menos participativo do que o esperado, também o planejamento pode ser modificado em função da dinâmica que vai se apresentando no processo. Na PA, os encaminhamentos iniciais são pontos de partida para um percurso que pode ser alterado ao longo de seu desenvolvimento, bem como, o ponto de chegada pode ser distinto daquele previsto preliminarmente.

No que tange à metodologia crítico-superadora, podemos considerar que ao propor o tema das PCAs, houve uma ampliação do conhecimento dos alunos sobre as atividades que compõem a cultura corporal. Ao identificar que vários destes alunos nunca aprenderam este conteúdo na escola, oportunizamos através das aulas a reflexão e apropriação de mais uma produção corporal do ser humano em sua história.

Em termos das práticas avaliativas, nos alinhamos numa perspectiva de superação da mera quantificação, seleção e performance dos alunos. A partir de uma prática avaliativa produtivo-criativa e reiterativa (COLETIVO DE AUTORES, 2012), houve a compreensão de que através delas, proporcionamos aos alunos através do seu esforço crítico, criativo e coletivo mediados pelo professor, a identificação e superação de seus conflitos no processo de ensino-aprendizagem.

Os instrumentos avaliativos que apresentamos na pesquisa, especialmente aqueles que a turma deveria responder em casa, demonstraram-se relevantes no processo de organização e síntese de seu pensamento. Não foram organizados no sentido de quantificar a aprendizagem, mas como um instrumento onde fosse possível a troca de informações e conhecimentos do que foi aprendido pelos sujeitos.

Sobre as práticas de deslizamento, consideramos que elas foram muito significativas para os alunos. As possibilidades de experimentação em vários ambientes e tipos de piso nos fizeram desenvolver uma característica importante nos aspectos cognitivos dos alunos: a sua capacidade de pensar e comparar situações, para chegar a uma conclusão. Desta forma, as atividades desenvolvidas no pátio da escola, onde o piso de granitina era mais apropriado para os deslizamentos, foram eleitos pelos alunos como melhor lugar em comparação aos outros. Também chegaram à conclusão de que colocar um papelão embaixo de um tapete ou cobertor,

é um elemento motivador para manobras mais arriscadas. Os patins de garrafas pets também se colocam muito interessantes e divertidos na confecção e aplicação nas aulas.

Em relação às práticas de rolamentos, entendemos que os materiais necessários como skates, patins, patinetes, bicicletas nem sempre são recursos disponíveis na escola. No entanto, é importante que o professor faça um diagnóstico, procurando identificar com seus alunos, as possibilidades de equipamentos disponíveis a fim de estabelecer sua organização para estas aulas.

Em realidades mais precárias onde não houver esta possibilidade, deixamos como alternativa a confecção de carrinhos de rolimã com os alunos. Esta atividade se apresentou interessante e participativa. Entendemos que ao proporcioná-la, despertamos em sua consciência a ideia de planejar, organizar e mesmo reutilizar materiais que iriam para o lixo. As aulas seguintes constituíram-se motivantes, divertidas e proporcionaram aos alunos, ganho de confiança e possibilidades de manobras arriscadas.

Apontamos como limites os custos dos rolamentos e dos materiais utilizados. No entanto, colocamos que são materiais que podem ser adquiridos pela própria escola, como material para as aulas de Educação Física. Destacamos que na internet, há vários vídeos explicativos que nos ensinam os passos para construir um carrinho e os materiais necessários. Para os professores que não se sintam seguros em construir com seus alunos, fica como proposta a possibilidade de solicitar a ajuda de pessoas com conhecimento específico, como foi o nosso caso.

Em relação à atividade de quedas, entendemos que o tempo pedagógico em uma aula, foi muito pouco para que pudéssemos assimilar melhor esta sensação e mesmo possibilitar a criação de novas atividades. Destacamos que a brincadeira em queda livre sobre os colchonetes se fez muito divertida e emocionante para os alunos; muitas escolas não possuem colchonetes em quantidade necessária para esta atividade, mas como sugestão, apontamos a adaptação de colchões de cama sobrepostos um no outro com uma proteção de lona para o desenvolvimento destas atividades.

Como limites, apontamos que houve algumas atividades como o slackline, que necessitariam de um maior tempo pedagógico para sua assimilação. As três aulas propostas nos pareceram poucas. Como alternativa para esta questão, diante do tempo que temos na escola, nos parece que seis aulas, seriam satisfatórias para

atingir uma melhor compreensão/apropriação desta prática. E se elas puderem ser conjugadas em duas aulas seguidas, isto pode ser positivo na questão de ganho de tempo na montagem dos equipamentos e em um maior tempo de prática.

Resta comunicar que, durante o 2º. Seminário da PA, buscamos identificar se o conteúdo abordado havia sido atraente e carregado de motivação para a turma. Os resultados apontam que sim, sendo de grande significância o apontamento de que este conteúdo continue sendo oferecido e ampliado na EF escolar. Mas não só nas observações da turma, também na avaliação processual do professor percebeu-se uma participação mais ativa e intensa do que em conteúdos mais tradicionais.

O estudo aqui relatado nos leva a concluir, por fim, que o ensino das PCAs na escola é uma possibilidade real. Sob a luz da metodologia crítico-superadora, houve avanços significativos no processo de apropriação do conhecimento, oportunizando ao aluno sua participação enquanto sujeito histórico. Destacamos que oportunizar a organização das aulas onde o aluno tenha condições de se expressar e ser instigado a pensar sobre o conteúdo, ao invés de entregar tudo pronto, se faz necessário para que ele chegue à síntese de seu pensamento através de seu próprio esforço.

Quanto às ferramentas, recursos, espaços e materiais, apontamos que a utilização de figuras impressas, Datashow e cópias foram ferramentas importantes para o processo de assimilação, comparação e apropriação da síntese do conhecimento. Os espaços como a quadra, áreas arborizadas, o pátio e o gramado da escola nos permitiram transitar melhor para realização das atividades, testando e mesmo oportunizando uma maior diversificação de espaços que fogem da sala de aula. Os recursos como a reutilização de garrafas pets, tapetes, cobertores, papelões se demonstraram muito significativos para ressignificar o uso destes materiais. Sem contar que os materiais como colchonetes, slackline, skates, bicicletas, patins, cordas e patinetes, se fizeram muito significativos para as aulas. Cabe a cada professor na medida do possível, empenhar em busca da apropriação destes materiais junto à escola em médio e longo prazo. Porém, na inviabilidade, consideramos que criar as condições de empréstimos junto aos alunos também é uma possibilidade real de proporcionar a aprendizagem destas práticas.

Chegamos à compreensão de que a riqueza deste trabalho de pesquisa se encontra no relato das atividades desenvolvidas, pelas quais foi possível trilhar um percurso de construção das aprendizagens mediadas por este conhecimento

cientificamente sistematizado, colocando-o no centro do processo dos sujeitos nela envolvidas.

Desta forma, consideramos que as ideias apresentadas aqui podem ser utilizadas e mesmo reelaboradas pelos professores de Educação Física de todo o país, diante de suas condições materiais concretas. Trata-se de instigar nos professores de Educação Física a inserção deste conteúdo em suas aulas, possibilitando a diversificação e democratização da cultura corporal existente e ricamente produzida na história.

Referências

ARMBRUST, I; LAURO, F. A. A. O skate e suas possibilidades educacionais. **Motriz: rev. educ. fís.** 2010, vol. 16, n.3, pp. 799-807. jul/set. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1980-65742010000300028&script=sci_abstract&lng=pt . Acesso em 21 out. 2018.

BETRÁN, Javier Olivera. BETRÁN, Albert Olivera. Propuesta de una clasificación taxonómica de las actividades físicas de aventura en la naturaleza. Marco conceptual y análisis de los criterios elegidos. **Apunts. Educación Física y Deportes.** v.124, 53-88. 2016. [https://doi.org/10.5672/apunts.2014-0983.es.\(2016/2\).124.06](https://doi.org/10.5672/apunts.2014-0983.es.(2016/2).124.06)

BETRÁN, Javier Olivera. BETRÁN, Albert Olivera. Propuesta de una clasificación taxonómica de las actividades físicas de aventura en la naturaleza. Marco conceptual y análisis de los criterios elegidos. **Apunts. Educación Física y Deportes.** v.41, p.108-123. 1995.

BOCCHINI, Daniel; MALDONADO, Daniel Teixeira. Andando sobre rodas nas aulas de Educação Física Escolar. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 26, n. 43, p. 277-286, nov. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2014v26n43p277> . Acesso em: 17 out. 2018

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, DF. 2018. Disponível em <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em 30/07/2020.

CAUPER, Dayse Alisson Camara. **O ensino do esporte orientação na escola: possibilidades e limites de uma proposta à luz da metodologia crítico-superadora.** 2018. 390f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica) - Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de educação física.** 2. ed. rev. São Paulo : Cortez, 2013.

DARIDO, S. C. Diferentes Concepções sobre o Papel da Educação Física na Escola. In: Suraya Cristina Darido. (Org.). **Cadernos de Formação: Conteúdos e Didática de Educação Física**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012, v. 1, p. 34-50.

DARIDO, S.C.; TAHARA, A.K. Práticas corporais de aventura em aulas de Educação Física na escola. **Conexões**. Campinas, v.14. n. 12 p. 113-136, abr/jun 2016.
Disponível em:
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8646059> .
Acesso em: 12 out. 2018.

FRANÇA. Dilvano Leder. **Práticas corporais de aventura nas aulas de educação física: as possibilidades pedagógicas no 5º ano do ensino fundamental**. 2016. 220 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação: Teoria e Prática de Ensino) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016. Disponível em:
<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/45271/R%20-%20D%20-%20DILVANO%20LEDER%20DE%20FRANCA.pdf?sequence=1&isAllowed=y> .
Acesso em: 01 set. 2018.

FRANCO, Laércio Claro Pereira. CAVASINI, Rodrigo. DARIDO, Suraya Cristina. Práticas corporais de aventura. In: GONZÁLEZ, Fernando Jaime; DARIDO, Suraya Cristina; OLIVEIRA, BASSOLI, Amauri Aparecido (Org.). **Práticas Corporais e a Organização do Conhecimento**. Editora da Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2014. p.101-136.

INÁCIO, Humberto Luís de Deus. Proposta de classificação das práticas corporais de aventura para o ensino na educação física escolar. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 43, p. e005321, 2021.

INÁCIO, H.L.D. et al. Práticas corporais de aventura na escola: possibilidades e desafios - reflexões para além da Base Nacional Comum Curricular. **Motrivivência**, Florianópolis, v.28, n.48 p.168-187, set. 2016. Disponível em:
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2016v28n48p168> . Acesso em 11 nov. 2019.

INÁCIO, H.L.D. Práticas corporais de aventura na natureza. In: GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. **Dicionário crítico de Educação Física**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2014. - 680 p. - (Coleção educação física).

MORAIS, Gleison Gomes de. **Práticas corporais de aventura na educação física escolar: uma proposta de ensino com base na metodologia crítico-superadora**. 2020.159f. Dissertação (Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede) – Faculdade de Educação Física e Dança, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018.

PEREIRA, Dimitri Wuo. Slackline: vivências acadêmicas na educação física. **Motrivivência**, Florianópolis, n. 41, p. 223-233, nov. 2013. Disponível em:
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2013v25n41p223> . Acesso em: 13 out. 2018.

PEREIRA, Dimitri Wuo e ARMBRUST, Igor. **Pedagogia da aventura: os esportes radicais, de aventura e de ação na escola**. Jundiaí, SP: Fontoura, 2010.

THIOLLENT. Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 17^a ed. - São Paulo: Cortez, 2009. (Coleção temas básicos da pesquisa-ação).

Recebido em: 16/09/2021

Aprovado em: 25/10/2022